

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Conferência. *Revista de Guimarães*, 40 (1-2) Jan.-Jun. 1930, p. 64-65.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferência

Sobre a conferência realizada pelo ilustre escritor sr. dr. Brito Camacho, no dia 27 de Março, no salão nobre da Sociedade M. Sarmento, transcrevemos do diário do Pôrto, *O Primeiro de Janeiro*, de 29 do mesmo mês, as suas impressões:

GUIMARÃES, 28 — Como estava anunciado, realizou-se ontem, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, e perante numerosa e selecta assistência, a conferência do distinto escritor e ilustre jornalista sr. dr. Brito Camacho, subordinada ao tema «Alentejo».

Fez a apresentação do conferente o ilustre presidente daquela pres-tante e benemérita colectividade, sr. dr. Eduardo de Almeida, que num dis-curso de fino recorte literário, focou a individualidade cheia de interêsse do político, do homem de letras e do jornalista que tinha a honra de apre-sentar e disse do entusiasmo que a noticia da sua conferência despertou no meio vimaranense.

O sr. dr. Brito Camacho principiou por dizer que era muito natural que poucos assistentes conhecessem o Alentejo, o que explica por o portu-guês ser pouco dado a viagens — apesar da indiscutível necessidade que tem de conhecer bem a sua Pátria. Assim, na escôlha do assunto para esta conferência, achou vantajoso falar daquela sua provincia.

Portugal acordou para viagens com o ruído da busina do automóvel, mas acordou para viajar lá fora.

Entretanto, para viajar são necessários transportes, e são precisos hotéis. Em Portugal tem-se feito hotéis para gente rica; mas o português é modesto nos seus gostos — quando não gasta por conta de outros.

A propósito da Exposição de Sevilha, disse-se que vinham cá cinco milhões de americanos, e desatou-se a fazer hotéis para serem pagos em dólares...

O turismo é novo entre nós. E o turismo estrangeiro será sempre pouco, salvo em Lisboa e arredores. Temos, é certo, um clima esplêndido, e, honra seja ao nosso fino administrativo, conservámo-lo intacto.

Mas precisamos de tornar o país conhecido dos portugueses

O Alentejo é pouco conhecido; talvez por ser muito longe. E' certo porém que para lá ainda existe o Algarve.

Não empregará a eloquente linguagem dos números — como moder-namente se diz — pois, dos números pode fazer-se o que se quiser. São (como já o disse alguém) como as baionetas. Destas faz-se o que se qui-ser — só não se lhe pode sentar em cima.

Com notável brilho e nítida descrição, fez passar diante do auditório belos quadros da vida alentejana.

Ventilou o problema económico da provincia com proficiência, refe-

rindo-se aos problemas com êle directamente relacionados, como o demográfico, o agrário, etc.

O Alentejo está dividido em grandes territórios — os latifúndios. Tôda a concentração de propriedade traz uma diminuição de população. E' preciso, pois, atacar o regime da propriedade.

Nesta altura da civilização não se admite que haja pessoas que não têm um palmo de terra, quando outras têm inculcas enormes extensões. O velho direito da propriedade, *jus utendi et abutendi* (não tem confiança que c' latim esteja certo, diz; mas estava) não pode permanecer. Ninguém tem o direito de abusar; mas tôda a gente tem o direito e até dever de usar.

A concentração da propriedade tem-se feito por heranças e por casamentos; êle sabe que se têm feito casamentos que não o foram entre duas pessoas, mas entre duas propriedades.

Há outras causas, como a de fidalgos que foram viver na capital, e julgando só ter gasto os rendimentos, já tinham perdida a propriedade que tiveram de vender.

Também a moeda desvalorizando-se contribuiu para a concentração da propriedade, e a diminuição da população. Um homem do campo, que é inteligente mas iletrado, — porque, para ser instruído, é preciso saber ler e escrever, mas para ser inteligente não é, explicou-lhe uma palavra engraçada, aludindo a um jôgo conhecido, a febre de venda quando se adquire terras a todo o preço: «quem fica com as cartas na mão é burro».

Atacou a concentração da propriedade, causadora da insufficiente produção da província, e disse ser necessária uma reforma agrária em Portugal, — o que se tem feito em outros países — baseada no moderno conceito do direito de propriedade.

Comparou a província do Alentejo com a nossa colónia de Moçambique, falando da sua acção nesta colónia como Alto Comissário.

Diz que, sendo o Alentejo uma província essencialmente agrícola, há também muitas minas: só no distrito de Beja se inscreveram 500. Isto, porém, é só para explicar um *hinterland* capaz de fazer supôr largo movimento desses portos. Realmente há só dois estabelecimentos mineiros: um é a Mina de S. Domingos, onde tudo é inglês, capital e engenheiros. Só os trabalhadores é que não são ingleses, porque não valia a pena trazê-los!

O outro é o do Vale do Sado, onde há pirites de que estão saindo bons adubos químicos, até agora só produzidos noutra casa.

As regiões mineiras determinam um largo aumento de população, como se vê em Johannesburgo, onde há trinta anos só existiam oitenta palhotas que os brancos habitavam à moda cafreal, e hoje é uma linda cidade de 300:000 habitantes. Só no Alentejo é que isso não succede, porque as minas são dos estrangeiros.

Referiu-se ainda ao *folclore* alentejano, terminando por convidar os assistentes a visitar o Alentejo, do que não teriam que arrepender-se.

O illustre orador foi, no decorrer da sua importante conferência, muito aplaudido por todas as pessoas que ali foram ouvi-lo.